

Historiografia da educação e história dos intelectuais

Francis Albert Cotta¹

Marcilene da Silva²

Elaine Cecília de Lima Oliveira³

Vania Ávila de Oliveira⁴

Ângela Araújo Costa⁵

Como citar

COTTA, F. A. et al. Historiografia da educação e história dos intelectuais. *LIBERTAS: Rev. Ciênci. Soc. Apl.*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 109-125, ago./dez. 2020.

Resumo: Este artigo apresenta o relatório com registros das discussões sobre o seminário ministrado pelo Prof. Dr. Luciano Mendes Faria Filho, da Faculdade de Educação da UFMG, ocorrido nos dias 23 e 24 de agosto de 2019. O seminário tratou do tema Histografia da educação e história dos intelectuais, e este artigo consta a sequência expositiva apresentada pelo professor numa dinâmica dialogal, acrescidas das leituras indicadas previamente para o seminário.

Palavras-chave: histografia; educação; história; intelectuais; seminário.

¹ Doutor em História (área de concentração: política, cultura e trabalho) pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio de doutoramento no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (CAPES).

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Mestre em Educação pela UFMG. Pedagoga pela formada pela Faculdade de Educação da UFMG. Docente no Ensino Superior.

³ Graduada em Matemática pelo Centro Universitário de Belo Horizonte, graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Belo Horizonte, graduada em Engenharia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

⁴ Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (1996).

⁵ Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local pelo Centro Universitário UNA - BH. Especialista em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS pela Universidade Cândido Mendes. Graduada em Direito pela Faculdade Minas Gerais - FAMIG. Especialista em Língua Portuguesa - Leitura e Produção de Textos pelo Centro Universitário Uni-BH e graduada em Letras pelo Centro Universitário Newton Paiva.

Historiography of Education and History of Intellectuals

Abstract: This article presents the report with records of the discussions about the seminar given by Prof. Dr. Luciano Mendes Faria Filho, from the Faculty of Education at UFMG, held on August 23 and 24, 2019. The seminar dealt with the theme Histography of education and history of intellectuals, and this article is the expository sequence presented by the professor in a dynamic dialog, plus the readings previously indicated for the seminar.

Keywords: histography; education; story; intellectuals; seminar.

1 INTRODUÇÃO

A disciplina interinstitucional (UFMG, UEMG, CEFET e UFOP) intitulada *História da Educação: temas, objetos e abordagens*, proporcionou reflexões e debates sobre os seguintes temas: 1) História dos Intelectuais; 2) Instrução pública; 3) Educação profissional; 4) Imprensa; abordando os principais temas, objetos de pesquisa e abordagens teórico-metodológicas. A disciplina se realizou por meio de seminários temáticos itinerantes que ocorreram nas instalações das universidades parceiras, numa dinâmica em que cada seminário, coordenado por um (a) professor (a) responsável, foi realizado uma vez a cada mês, concentrado, numa sexta e num sábado⁶.

Em todos os seminários os professores estiveram presentes e participaram intensamente das discussões, fomentando questões e realizando debates sobre os temas do seminário previsto para a data. Junta-se a isso a disponibilização gratuita de livros de referência dos temas debatidos, ou mesmo a preços da editora. Essa dinâmica possibilitou a cada estudante a montagem inicial de uma biblioteca dos temas alvos dos seminários.

No presente relatório optou-se por registrar as discussões do seminário ministrado pelo Prof. Dr. Luciano Mendes Faria Filho, da Faculdade de Educação da UFMG, ocorrido nos dias 23 e 24 de agosto de 2019, na sala do Mestrado do Campus II do

⁶Os seminários ocorreram de acordo com a seguinte programação:

23 e 24 de agosto - no CEFET – Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG);

13 e 14 de setembro - na UFMG - Prof. Dr. Irlen Antônio Gonçalves (CEFET);

04 e 05 de outubro - na UEMG - Profa. Dra. Rosana Areal de Carvalho (UFOP);

29 e 30 de novembro - na UFOP - Profa. Dra. Vera Lúcia Nogueira (UEMG).

CEFET MG, que tratou do tema: Historiografia da Educação e História dos Intelectuais.

No primeiro momento da aula ocorreu a apresentação das(os) professoras(es) e da proposta da disciplina, bem como apresentação das(os) alunas(os). O seminário foi estruturado da seguinte forma:

AULA I: A História Intelectual e a história dos intelectuais na historiografia da educação brasileira;

AULA II: Elementos teóricos e metodológicos para uma história dos intelectuais;

AULA III: Intelectuais, edição e sociabilidades: uma pesquisa acerca das relações México-Brasil (1930-1960).

Previamente foram gentilmente disponibilizados pelo professor responsável pelo seminário, em formato digital por meio da plataforma educacional da UFMG, os seguintes textos:

Bibliografia:

ALVES, Claudia. Jean-François Sirinelli e o político como objeto da história cultural. In: LOPES, Eliane Marta T.; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Orgs). *Pensadores Sociais e História da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. v. II.

VEIGA, Cynthia Greive. TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. *Historiografia da educação: abordagens teóricas e metodológicas*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e Educação. *Pensar a Educação em Revista*, 1, 1, 3-21, abr./jun. 2015. <http://pensaraeducacaoemrevista.com.br/>.

Bibliografia complementar:

CARVALHO, Maria Alice Resende de. *Temas sobre a organização dos intelectuais no Brasil*. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000300003&lang=pt

CHARLE, Christophe. *Nascimento dos intelectuais contemporâneos*. <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30225/pdf>

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Editoração, sociabilidades intelectuais e mediação cultural. In: GOMES, Angela Maria Castro Gomes; HANSEN, Patrícia Santos (Org.). *Intelectuais Mediadores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, v. 1, p. 366-402.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 489 p.

OLIVEIRA, Francisco de. *Intelectuais, conhecimento e espaço público*. <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n18/n18a13>.

Os registros que seguem foram feitos de acordo com a sequência expositiva apresentada pelo professor numa dinâmica dialogal, acrescidas das leituras indicadas previamente para o seminário. As reflexões e indicações de leitura complementar virão em notas de rodapé ou por meio de recuos no texto.

2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO COMO CAMPO: OBJETOS, TEMAS, DISCIPLINAS

O Professor Luciano Mendes alerta para a importância da trajetória como recurso analítico. As trajetórias singulares podem dialogar com a complexidade. Assim, é importante realizar um balanço como recurso para se colocar no campo. Nesse esforço buscou sintetizar a produção de um coletivo de pesquisadores dedicados à História da Educação. Pensar e escrever no espaço social, portanto, um espaço coletivo da escrita.

Para além da rica produção dos professores que ofertaram os seminários e disponibilizaram gratuitamente seus livros durante os encontros, destaca-se o papel do Centro de Pesquisa em História da Educação da Universidade Federal de Minas Gerais⁷.

3 MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Ao tratar do movimento da renovação historiográfica que influenciou o campo da História da Educação, Luciano Mendes mencionou a importância da História Cultural, e citou a tradição francesa, que tem como um dos seus representantes o historiador Roger Chartier⁸. Para além dessa matriz interpretativa também citou a

⁷ O GEPHE foi formado em 1996 e se organiza a partir da produção e da socialização do conhecimento em História da Educação no Brasil. Ele está vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG, e abriga a Linha de Pesquisa História da Educação desse Programa. Seus membros desenvolvem pesquisas históricas sobre a educação brasileira, do período colonial ao período republicano, por meio de projetos coordenados pelos professores pesquisadores, monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

⁸ A discussão sobre representação, apropriação e práticas podem ser encontrados no clássico: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. Discussões

História Cultural italiana, representada por Carlo Ginzburg tem contribuído para pensar vários objetos da História da Educação⁹. Assim a escrita da história da educação é campo da interdisciplinaridade. Uma formação ampliada do pesquisador possibilita um olhar ampliado. Não mais são objetos disciplinares, mas múltiplos olhares.

Mendes destaca a contribuição da história dos excluídos, de Edward P. Thompson (1924-1993), um dos grandes historiadores do século XX de concepção teórico-marxista renovada, que ocupa um espaço significativo no âmbito da História e das Ciências Sociais, e, em especial, a História da Educação, como destacaram Taborda, Mendes e Bertucci (2010)¹⁰. Ele realiza uma interpretação original do marxismo e dialoga com referenciais culturais valorizando aspectos da experiência e das vivências não registradas.

Nessa linha teórica e interpretativa o Prof. Luciano destacou o livro de Edgar Salvatori De Decca, *O silêncio dos vencidos*.¹¹ Os movimentos sociais da década de 1920 foram vencidos. Ocorre um apagamento dos movimentos operários. Mendes destaca a ideia de silenciamento. Existe uma incapacidade de ver as virtualidades (potencialidades) dos movimentos. A história dá visibilidade aos vencedores, mesmo que de forma “crítica”. O desafio para a historiografia é ver a potencialidade dos vencidos.

O Prof. Luciano Mendes destaca a importância da criação dos grupos de trabalho na área de História da Educação nas décadas de 1980 e 1990. Contribuições para a Educação como as de Demerval Saviani. Um momento de renovação com pesquisas sobre os

sobre a História Cultural e História da Educação encontramos em: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. História Cultural e História da Educação. In: LINHALES, Meilly Abbsú; FONSECA, Thaís Nívia Fonseca e. *Diálogos da História da Educação*. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2017. Outra obra de referência é: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Orgs.). *Pensadores Sociais e a História da Educação II*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

⁹Uma de suas contribuições foi o paradigma indiciário. GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. Reflexões nesse sentido para a História da Educação são trazidas por Ana Galvão em: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; JINZENJI, Mônica Yumi; MELO, Juliana Ferreira de (Orgs.). *Culturas orais, culturas do escrito: intersecções*. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

¹⁰Contribuições originais para alguns problemas contemporâneos relacionados à educação, à escolarização e à história da educação foram trazidos em: BERTUCCI, Liane Maria; FARIA FILHO, Luciano Mendes; TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Edward P. Thompson. *História e Formação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

¹¹ DE DECCA, Edgar Salvatori. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

movimentos sociais e sindicais, meninos de rua e várias temáticas até então não pesquisadas.

Esse movimento fez pensar as contribuições de Fernando de Azevedo, repensar as fontes, a cultura material escolar. Ocorreu uma renovação dos temas: das ideias à sala de aula (Sociologia e Antropologia). O Sujeito, a criança. Pesquisa sobre a infância. Profissão docente (Miguel Arroyo). Política educacional. Estudos de gênero (Scott), traduzido na revista de educação.

A produção da área da Educação não era lida por outras áreas do Conhecimento.

A ideia de “renovação” é uma invenção, uma percepção. Sentidos na disputa por poder que se objetiva na produção acadêmica.

Efervescência da produção da História da Educação cobria a década de 1930. Geração. Período denso. Sistema público. Maior produção concentrada no século XX, seguido do XIX e por fim, o XVIII.

4 TRAJETÓRIA INTELECTUAL DO PROF. LUCIANO MENDES

Realizou o Curso de Pedagogia na UFMG, mestrado em Educação pela UFMG e doutorado em Educação pela USP. Contatos e influências de Demerval Saviani e Miguel Arroyo (esse ligado a pesquisa sobre os movimentos sociais). No mestrado (1991), sobre a orientação de Maria Alice Nogueira, elaborou a dissertação intitulada “República, trabalho e educação: a experiência do Instituto João Pinheiro (1909/1934)”. Trabalhou como temas como: trabalho e educação, crianças abandonadas, educação e relações de gênero. Buscou compreender a ação dos sujeitos (pais, alunos) com a instituição. A relação com a cidade, movimentação dos trabalhadores, circulação dos pobres, a relação “campo” e cidade”.

Na tese de doutoramento (1996), intitulada “Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte – 1906/1918”, orientada por Marta Maria Chagas de Carvalho, tratou de tema como: cultura escolar e cultura urbana, escola no território urbano, cultura escolar como especificidade, forma escolar (condensa elementos econômicos, políticos e culturais), estudo da organização dos grupos

escolares (seriação, turnos, construções de espaços) que sintetiza as utopias pedagógicas (homogeneização, seleção, reprovação) – face distópica (Bourdieu, entender o fracasso escolar).

Após estudar as primeiras décadas da República, Luciano Mendes realizou investigações sobre o século XIX em Minas Gerais, alertando para o cuidado de se duvidar de estudos generalizantes sobre as “Minas”. Propõe pensar a ideia de escolarização a partir das: redes de escolas no território; submeter aos imperativos da escola (certa racionalidade, subjetividade); formas como submete o mundo social (legitimações e deslegitimações); direito ao voto (analfabeto – desclassificação do analfabeto; escolarização, emprego e renda; modos sucessivos de produzir desigualdades; promessas da escola; crítica à escolarização: sentidos possíveis e impossíveis.

Faria Filho destaca os sujeitos da educação em suas relações com os espaços densos e tensos. Por exemplo, as leis da obrigatoriedade escolar mostram o poder do Estado sobre os cidadãos.

5 PESQUISAS SOBRE OS INTELECTUAIS

Produção sobre a Educação - civilização, processo, desenvolvimento. Destaca a importância da relação entre Escola e Imprensa. Sobre esse aspecto, Faria Filho traz para a reflexão o debate dos 500 anos (ocorrido na virada do século XX), visto como um momento de balanço: o lugar dos intelectuais; o silêncio dos intelectuais; não mais se discutia a Educação. Os intelectuais em décadas anteriores escreviam sobre a educação. O que permite pensar a relação ausência *versus* presença.

Luciano Mendes ao tratar dos novos intérpretes do Brasil, destaca a ausência ou a pouca densidade da discussão dos *papéis e sentidos da Educação* em textos que se propuseram a pensar o Brasil, tais como:

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz Schwarcz (orgs). *Um enigma chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOTA, Carlos Guilherme; LOPEZ, Adriana. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: Editora 34, 2015.

SOUZA, Jesse. *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

Os locais de reunião dos intelectuais eram as Academias de Letras, o IHGB, a Academia Brasileira de Ciências e as universidades. Mendes dá especial destaque às *redes de sociabilidade*.

Nos anos 1960 as camadas pobres acessam a escolas, o que incomoda as camadas médias. Nesse momento é possível ver a saída das crianças das camadas médias para as escolas privadas.

A Reforma Universitária de 1968 promoveu a profissionalização dos professores universitários, de maneira mais ampla. As camadas médias foram capturadas pela Universidade como professores, pesquisadores e produtores de conhecimento. Seus filhos estudavam nas escolas particulares. O tema *escola básica* não interessa aos pesquisadores. Há um desprezo pela escola pública.

Faria Filho ressalta que existem outros lugares de enunciação para além da Universidade. Portanto, é necessário ultrapassar o regime da Universidade; olhar para outros espaços.

Faria Filho ressaltou que nas décadas de 1970/1980, com a institucionalização da pós-graduação, ocorreu o desaparecimento do sujeito que escreve para o grande público. A pós-graduação forma professores do ensino superior. Ocorreu uma disputa pela educação, a empregabilidade de mestres e doutores é mais alta do que em outras áreas.

A educação é uma experiência inevitável: experienciar a Educação (“eu fui à escola”), o que é diferente da reflexão. A memória da Escola está no sucesso de quem fala; há um esquecimento do racismo, sexismo e exclusão. Discursos pseudocientíficos afirmaram o sucesso escolar na década de 1970.

É preciso ter em mente o componente econômico da reprovação. O estigma da reprovação. Os ressentidos não fazem boa política.

6 INTENCIONALIDADE POLÍTICA DO INTELECTUAL

O acordo MEC-USAID (EUA), modelo educacional norte-americano impactou a educação brasileira. A reforma universitária brasileira de 1968 proporcionou mudanças como a extinção do professor catedrático, a criação dos departamentos, dedicação exclusiva, classificações (auxiliar, adjunto e titular), qualificação no exterior. Portanto, impactando na carreira, salário e formação. O investimento em pesquisa é estatal.

7 HISTÓRIA DOS INTELECTUAIS

Superação da percepção de “ideias desencarnadas”. Necessidade de contextualização. Objetivação das ideias em forma de livros. Entender o sujeito de “carne e osso”, o sujeito singular. Os artefatos culturais (ação dos sujeitos no seu tempo). A história dos livros (CHARTIER). Organização da intervenção no mundo. São chaves de leitura para entender o mundo. Modos de cognição, de entendimento do mundo. Como se dá o mundo a ver (CHARTIER, BOURDIEU).

8 QUEM É O INTELECTUAL?

Caracterizar um indivíduo como intelectual não o carrega de virtudes (éticas, morais), em termos valorativos. Ocorre uma tendência a valorizar a formação acadêmica devido a trajetória bacharelesca. Modo de estratificação e hierarquização. Lugar de consagração superior. Modos de inteligibilidade do mundo, se produz o mundo (CHARTIER).

Ao tratar do intelectual, o Prof. Luciano Mendes alerta para os seguintes aspectos:

O previamente elaborado se transforma diante das contingências.

A noção de intelectual é algo do século XX.

O intelectual não é necessariamente um especialista, vai para o espaço público debater os sentidos. O império da política. Utiliza artefatos políticos. Intervenção política pela palavra, oferta e circulação, diálogo e espaço público (Habermas). Repertório da ação é o manifesto, deseja eficácia política. Não é doutrinário, abre mão da doutrina para eficácia da ação política.

A definição de intelectual a priori pode limitar a análise. Não é somente pela produção da escolarização ou pela especialidade.

O intelectual trata dos “destinos do mundo”.

Ação política e não a *episteme* política.

Espaço Público corrompido. Na transposição das fronteiras o indivíduo não passa incólume (Renato Janine Ribeiro, Marilene Chauí, Fernando Henrique Cardoso, Antonio Anastasia).

É necessário contextualizar os intelectuais nos tempos e nos espaços para não “jogar para trás” uma consagração que não existia.

A ideia de trajetória - Não é a biografia. Itinerários: escolarização (processos de formação); família, vínculos ou não; o agir do sujeito; sujeito produzido e o que se produz. Produção da legitimidade do seu lugar. Lugares de atuação, públicos. Alianças realizadas. Amizades e compadrios (criação do INEP, IPHAN, Casa Rui Barbosa).

Geração - Categoria mobilizada em diversas áreas do conhecimento. “Experiência Geracional” – repertório lexical, discursivo que une os indivíduos, engajamento coletivo, acontecimentos marcantes. A marcação etária tem sua importância, mas não é determinante.

Espaço Público - Espaço de ação intelectual. Papel da Imprensa. Empresariamento de editoras (Sérgio Micelli). Editoração.

Sociabilidades - Frequentação interessada a lugares físicos. A praça pública, academias, livrarias, cafés. Locais privados. A página das revistas e dos jornais (embates, concordâncias). Afetos negativos (encontros e desencontros). Ocorrem em rede (encontros recorrentes do ponto de vista institucional). Indivíduos demandando por várias instituições. A ação política geralmente não é intempestiva. A articulação a partir do lugar institucional (o intelectual mediador). História do político e do poder (a produção de São Paulo como o Brasil – Semana de Arte Moderna de 1922 apagou o centenário da Independência; Revolução Constitucionalista de 1932 e a fundação da USP – Conduta do pensamento nacional, política e cultural). O universal, intencional é construído a partir do local dos vitoriosos. A política se universaliza a partir desse pressuposto – baseada na noção liberal de indivíduo.

Outra questão importante problematizada por Faria Filho é como a figura do intelectual foi construída a partir de um perfil, a do homem branco. Outro ponto para pensar é o apagamento das relações particulares, como a dimensão familiar, do intelectual como no caso de Sérgio Buarque de Holanda.

Numa chave interpretativa que busca interpretar a edição e as sociabilidades intelectuais, Faria Filho estudou as obras de Rui Barbosa¹². No Seminário, o Prof. Luciano tratou especialmente de Rui Barbosa e a “Lição das Coisas”, que traduziu e pensou em publicar. No século XIX foram publicados 15.000 exemplares. Rui Barbosa era visto como um mito e destacando sua genialidade. Faria Filho destaca que a Comissão Nacional do Livro possibilitou a construção de uma rede de intelectuais, que envolvia articulação e o financiamento. Um projeto editorial vitorioso e a disseminação dos livros didáticos. Nele, o lugar de Rui Barbosa foi central.

Outro ponto problematizado por Faria Filho é porquê da intelectualidade ter se inserido no Estado Novo. Uma possibilidade seria a crença por parte desses intelectuais de que o Estado implementaria as mudanças necessárias. Anísio Teixeira e Gilberto Freyre (outsiders). A utilização de cartas para entender como se davam as relações ABL e USP.

9 REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NA AMÉRICA LATINA: A DESCOBERTA DE UM ACERVO NA TRAJETÓRIA DE PESQUISA – CORRESPONDÊNCIA DE INTELLECTUAIS E AUTORES COM A EDITORA

Em sua investigação, Faria Filho buscou conhecer as relações entre Brasil e o México a partir da diplomacia e da intelectualidade. Era necessário entender as redes e as trajetórias de intelectuais como o mexicano Alfonso Reyes, Ciro dos Anjos, que ensinava na Universidade Nacional do México e trabalhava na embaixada brasileira

¹²A história da edição das obras completas de Rui Barbosa e, da articulação dos laços da rede de relacionamentos (intelectuais, políticos, correligionários e familiares) que construiu e sustentou este projeto político-cultural foi alvo de estudos de: FARIA FILHO, Luciano Mendes. *Edição e sociabilidades intelectuais*. A publicação das obras completas de Rui Barbosa (1930-1949). Belo Horizonte: Autêntica/Editora UFMG, 2017.

no México. Dessa forma, Faria Filho mostrou a importância de se discutir a *diplomacia cultural*.

Inicialmente Faria Filho colocou a seguinte questão de pesquisa: como o Brasil era representado na Argentina, Chile e México?

Ao analisar as imagens e representações do Brasil nos livros didáticos de *História da América* (1938-1965) Faria Filho constatou que a Argentina tinha uma relação de preconceito em relação ao Brasil, pois era visto como um país mestiço (os *macaquitos* no século XIX). Os autores argentinos percorreram o Brasil para conhecê-lo. Gustavo Sorra é um argentino que estuda o Brasil. Em seu livro usa “cartas” para elaborar sua narrativa. Representações do Brasil como um país exuberante de grandes dimensões e de escravidão negra no século XIX. Ao tratar da cultura sobressaem os nomes de Aleijadinho, Machado de Assis e Graça Aranha.

Era necessário buscar a integração da América Latina num esforço de síntese. Desejava saber o que é a América Latina? O que é a latinidade? É possível fazer síntese?

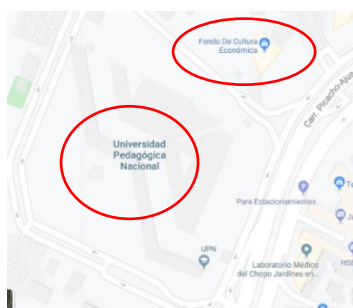
Na pesquisa realizada pelo Prof. Luciano Mendes ele buscou analisar temas e autores, bem como as negociações do *Fondo de Cultura Económica* com os escritores. Ele identificou 53 autores e 49 temas, 7 títulos foram publicados. Entre esses autores estavam: Arthur Ramos, Octavio Tarquinio, Gilberto Freyre, Edson Carneiro, Josué de Castro, Manuel Bandeira, Oneyda Alvarenga, Sérgio Buarque, Cassiano Ricardo e João Cruz da Costa.

O primeiro livro publicado em 1943, foi *Sociologia e Educação*, da lavra de Fernando de Azevedo. Em 1945 foi feita a publicação da *História Econômica do Brasil*, de Caio Prado Júnior, a condição era publicar primeiramente no México. Ocorreu problemas de tradução, feita no Brasil e rejeitada no México. Em 1958 foi publicado *Caminhos e Fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda. Astrojildo Pereira foi o articulador brasileiro com o editor mexicano.

10 A EXPERIÊNCIA DE ARQUIVO

O Prof. Luciano compartilhou suas experiências nos arquivos e como a busca pelas fontes em determinado local podem apresentar novas possibilidades temáticas, e mesmo indicar novas fontes de pesquisa em outros locais. Inicialmente Faria Filho iniciou sua pesquisa na Biblioteca do Rosário, e na Universidade Pedagógica Nacional¹³, posteriormente no acervo do Fondo de Cultura Económica (editora pública e estatal fundada em 1934, no México) (FIG. 1).

Figura 1 – Universidad Pedagógica Nacional e Fondo de Cultura Económica. México.



Fonte: Google Maps.

Em sua investigação, Faria Filho procurou observar as dinâmicas dos envios das cartas, as dissimulações e as intencionalidades presentes nas narrativas. Constatou que na Coleção Biblioteca Americana Brasil, 81 livros, mais de 70 autores, apenas 4 livros foram publicados. Entre seus questionamentos estavam: o que é importante publicar no Brasil? O que essa intelectualidade escolheu?

Entre os diversos intelectuais estudados por Faria Filho está Astrojildo Pereira (1890-1965), ex-anarquista, escritor, jornalista, crítico literário e fundador do Partido Comunista Brasileiro em 1922. Ele se ocupou em estabelecer redes de intelectuais e buscava as raízes nacional-populares da cultura brasileira. Ele elaborou o *Plano Brasil* com 49 temas, 50 autores, desses, 11 livros foram escritos e

¹³De acordo com site oficial da Universidade Pedagógica Nacional ela é uma instituição pública de ensino superior que tem como objetivo formar professores de graduação e pós-graduação para atender às necessidades do Sistema Nacional de Educação. Disponível e: <https://www.upn.mx/>

7 publicados. O que se deve ler para conhecer o Brasil? Uma matriz focada no Sudeste. Uma rede comercial-intelectual-política.

Faria Filho estudou a *Revista História da América*, suas redes e espaços de sociabilidades. Desvelou a integração latino-americana da intelectualidade brasileira, a visibilidade do Brasil na América Latina, a “origem” de vários de nossos clássicos, os livros que foram utilizados no processo de constituição do campo intelectual brasileiro nas décadas de 1940 a 1960. Essa rede foi percebida da seguinte forma: Fernando de Azevedo (editor/autor), Astrojildo Pereira (mediador), Gilberto Freyre (autor consagrado), Caio Prado (edição/política), Lúcia Miguel Pereira (edição e gênero), Cyro dos Anjos (diplomacia/ação cultural).

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ensinamentos construídos coletivamente durante os seminários proporcionaram aprendizados que extrapolaram a formalidade da escolarização em nível de uma pós-graduação de excelência (como é o caso de nosso programa), nesse sentido em nada deixou a desejar. Outros saberes foram compartilhados pelos educadores: a solidariedade no processo de construção de conhecimentos acadêmicos, a alegria de estar juntos e de construir no diálogo e embate de ideias os saberes relevantes para o campo da História da Educação; a socialização e a generosidade acadêmicas em tempos de intolerância, arrogância, competição e individualismo.

A experiência dos seminários foi uma demonstração prática de que é possível a leveza nos processos de ensino-aprendizagem, especialmente naqueles tidos como de alto nível. Demonstrações do cuidado com o outro, não apenas num discurso vazio e viciado, mas por meio de pequenas gentilezas, nos sorrisos, no compartilhar, na preocupação efetiva, marcados pela confiança.

Percebi, na prática, que a dimensão afetiva, das sensibilidades afetam os processos de cognição. É possível uma educação de qualidade, aprofundada em termos teóricos, conceituais e metodológicos sem as opressões das dinâmicas e dos processos formalizados, naturalizados e sacralizados no âmbito da educação universitária, que em busca de um pseudo controle do comportamento daqueles que desejam conhecer acabam por inibir ou mesmo limitar uma das mais importantes e

necessárias dimensões do saber humano: o respeito pelo outro. Ele se traduziu no acolhimento e na preocupação não somente com os saberes a serem construídos numa perspectiva dialogal, mas com as pessoas que participaram desse processo.

Certamente os conhecimentos formais construídos (necessários em termos instrumentais à produção das dissertações e teses, em especial sobre a História da Educação) foram incorporados e serão úteis para a produção de reflexões que possam extrapolar os muros da Academia e fazerem diferença para as pessoas. O que certamente levarei com ensinamento para minha prática docente é a dimensão da educação como uma possibilidade de aceitação das diferenças, da percepção da importância do cuidado com o educando.

Os conhecimentos do Seminário *Historiografia da Educação e História dos Intelectuais* contribuem para pensar diversas facetas da produção de conhecimentos da linha de pesquisa *História da Educação*, nesse momento, especialmente direcionados para a elaboração das dissertações e teses.

As discussões fizeram pensar os processos históricos, sociais e culturais nos quais emergiram conceitos, métodos e objetos que foram instrumentalizados pelos historiadores da educação na interpretação de seus temas. Nesse sentido, foram revisitadas as contribuições teóricas francesas, italianas e inglesas da História Cultural, História Social e História Política. Nesse contexto, foi possível entender a historicidade das produções intelectuais, os aspectos estruturais e as singularidades dos atores sociais em seu tempo.

O Seminário mostrou que os temas da História da Educação possuem historicidade, estão ligados aos contextos políticos, sociais e culturais do seu tempo, bem como aos interesses de comunidades acadêmicas em termos de eleição de referenciais teóricos, produção intelectual dos *coletivos* e *orientabilidade* dos trabalhos, de acordo com temáticas previamente estipuladas pelas linhas de pesquisa. A aderência das propostas são condições *sine qua nom* para o acesso e construção dos conhecimentos no campo. Essa dinâmica gera uma tradição de pesquisas e especialização em torno de temáticas.

Outro aspecto importante que emergiu das reflexões do Seminário foi o destaque dado às redes, sociabilidades e subjetividades para o estudo dos intelectuais. Aspectos cotidianos, muitas vezes desconsiderados pela historiografia, foram retomados e mostram sua relevância como chave interpretativa para entender os comportamentos.

Em termos de pesquisa histórica, a socialização da trajetória do pesquisador e sua prática nos arquivos em buscas das fontes e como esse exercício possibilitou redefinições foi extremamente relevante. O seminário mostrou a importância dos métodos de pesquisa e instrumentalização conceitual, cuidados essenciais para todos aqueles que se lançam ao desafio da pesquisa e produção do conhecimento.

Magistralmente, os educadores responsáveis pelos seminários, de forma sinérgica e harmoniosa ofertaram conhecimentos e saberes essenciais para a pesquisa e para a prática docente. Aspectos teóricos, conceituais e metodológicos foram socializados ao mesmo tempo em que os saberes do ofício do educador foram compartilhados de maneira leve, com alegria, o que nos faz pensar e sentir que vale a pena a luta por melhores condições de trabalho e valorização dos profissionais da educação e pelo ensino público, gratuito e de qualidade.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz Schwarcz (Orgs). *Um enigma chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARVALHO, Maria Alice Resende de. Temas sobre a organização dos intelectuais no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 65, out. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092007000300003>. Acesso em: 16 jun. 2019

CHARLE, Christophe. Nascimento dos intelectuais contemporâneos. *Revista História da Educação*, Pelotas, v. 7, n. 14, p. 141-156, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30225/pdf>. Acesso em: 14 maio 2019.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

INTELECTUAIS E EDUCAÇÃO. Belo Horizonte: Pensar a Educação em Revista, v. 1, n. 1, abr./jun. 2015. ISSN 2446-8169. Disponível em:

<http://pensaraeducacaoemrevista.com.br/2017/03/29/intelectuais-e-educacao/>. Acesso em: 16 jun. 2019.

OLIVEIRA, Francisco de. Intelectuais, conhecimento e espaço público. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 18, set./dez. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/9mKKZqkrJ8QbWRJ6zYyCLfD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 maio 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.